

UMA ABORDAGEM GRAMATICAL DAS ESTRUTURAS INTERROGATIVAS DIRETAS EM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E RUBEM FONSECA

André da Luz Pereira (Autor)
Sérgio Menuzzi¹ (Orientador)

Resumo: A capacidade de elaborar perguntas e construir respostas é aspecto relevante no domínio da língua. O uso adequado destes recursos está relacionado à competência comunicativa (fala, escrita, interpretação e produção). Este artigo tem por objetivo fazer um levantamento introdutório dos estudos gramaticais referentes às estruturas interrogativas, identificando pontos que possam ser utilizados para estudo dos fenômenos relacionados ao tema, bem como levantar pontos que possam ser aprofundados em estudos posteriores, oferecendo subsídios para instrumentalizar o ensino de língua portuguesa. Para isso, busca refletir sobre as estruturas interrogativas nos estudos de uma gramática tradicional (GT) e de uma gramática descritiva do português brasileiro (PB). O estudo contempla a análise de capítulos da gramática tradicional (Cunha & Cintra) e da gramática do português brasileiro (Perini). As estruturas interrogativas para análise foram selecionadas em contos dos autores brasileiros Machado de Assis e Rubem Fonseca e tabuladas para verificação quantitativa das ocorrências e dos fenômenos. Verifica-se que modelos propostos pela GT são insuficientes para contemplar a totalidade dos fenômenos encontrados nos textos, especialmente pela priorização dos estudos de estruturas oracionais. A gramática do PB é mais abrangente quanto aos fenômenos, mas ainda necessita contemplar melhor alguns aspectos, como a questão das *interrogativas fechadas do tipo Ou*.

Palavras chave: estruturas interrogativas; gramática tradicional; gramática do português brasileiro.

Introdução

A maioria dos exemplos utilizados nas gramáticas de língua portuguesa é formada por estruturas afirmativo-declarativas. Herdeiros da tradição gramatical greco-latina, os gramáticos brasileiros e portugueses selecionam exemplos desta categoria tanto para prescrever modelos quanto para explicar o funcionamento da língua.

A ocorrência de explicações a partir de estruturas afirmativo-declarativas é muito frequente. Frases e orações declarativas aparecem de forma abundante nas gramáticas, influenciando manuais de redação, livros didáticos e a prática de ensino de língua portuguesa como um todo. Já ocorrência de estruturas interrogativas e negativas é mais rara.

Partindo-se do princípio que as estruturas declarativas são não marcadas e as interrogativas são marcadas, entende-se este desequilíbrio. Por outro lado, uma abordagem

¹ Professor da 8ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa - UFRGS

das estruturas interrogativas que contemple esta assimetria pode ser o ponto de partida discutir o tema. Por isso, neste artigo buscamos estudar o espaço dado para as estruturas interrogativas nos estudos gramaticais, tanto na vertente da gramática tradicional (GT) quando em uma visão mais moderna e científica, como a das gramáticas descritivas do português brasileiro (PB). As estruturas interrogativas são fundamentais tanto para o desenvolvimento da competência comunicativa quanto para o uso adequado da língua.

Neste sentido, este artigo busca compreender como cada uma das gramáticas apresenta soluções para agrupar as estruturas interrogativas, considerando suas singularidades e suas semelhanças gramaticais.

Os exemplos abaixo são significativos sobre a diversidade de estruturas que se observa em textos:

- (1) Onde é a casa?
- (2) Castigar por quê?
- (3) Não tem medo de almas de outro mundo?
- (4) Como assim?
- (5) Criança?
- (6) Sabe o que a gente vai colher?
- (7) Só aqui na cidade ou em toda a Baixada?
- (8) Que lixo será que eles queimam?

Nos exemplos acima, há alguns que apresentam partículas interrogativas como se vê em (1) *onde*, (2) *por quê*, (4) *como*, (6) *o que* e (8) *que*. Estas partículas parecem contribuir significativamente para construir o aspecto interrogativo das estruturas analisadas. Em algumas situações estas partículas aparecem no início da estrutura, em outras no fim e em outras em algum ponto entre o início e o fim. O exemplo (6) ainda tem uma estrutura mais complexa, pois apresenta elementos verbais que precisam ser analisados para permitir uma compreensão do fenômeno..

Mas de onde viria a interrogatividade do exemplo (3), excetuando-se o ponto de interrogação final? Essa marcação menos evidente em relação ao primeiro grupo que tem partículas interrogativas e mais o ponto de interrogação tem alguma explicação ou descrição gramatical?

Por outro lado, como as gramáticas explicam o exemplo (5)? Essa estrutura sem partículas interrogativas nem verbos desperta algum interesse nos estudos gramaticais? Qual a importância do contexto para chegar a uma estrutura que permita ser comparada com as demais? E, ainda, como podemos analisar o exemplo (7), em que há duas alternativas para

serem escolhidas, sem que em nenhuma delas se encontrem partículas interrogativas nem verbos?

A fim de apresentar algumas hipóteses para as questões acima, este estudo está organizado em 6 seções. Na seção 1 - *Estruturas interrogativas na GT*, é feita a análise de capítulos e seções da obra *Nova gramática do português contemporâneo*, escrita por Celso Cunha e Lindley Cintra, buscando compreender suas contribuições para o tema. Na seção 2 – *Estruturas interrogativas na gramática descritiva*, é analisada a obra *Gramática do português brasileiro*, de Mario A. Perini, em que buscamos destacar as contribuições desta abordagem para o assunto. Estas duas obras foram tomadas como representativas dos pontos de vista que cada uma defende, e consideradas suficientes para apresentar os contrastes necessários neste estudo.

Em um segundo momento, estruturas interrogativas são analisadas em textos literários. Para isso, foram selecionadas estruturas em contos de dois autores brasileiros: Machado de Assis (1839 – 1908) e Rubem Fonseca (1925). A análise de estruturas em contos de autores consagrados tem por objetivo construir a reflexão a partir de textos que frequentemente são lidos nas escolas brasileiras. Na seção 3 – *Estruturas interrogativas em textos literários*, é apresentada uma visão quantitativa das estruturas encontradas, considerando as contribuições principais de cada uma das abordagens gramaticais (tradicional e descritiva). Na seção 4 – *Estruturas interrogativas em Machado de Assis segundo a GT* é aprofundada a análise de acordo com as contribuições da GT. Na seção 5 – *Estruturas interrogativas em Rubem Fonseca, segundo a gramática descritiva*, as estruturas são analisadas segundo as descrições feitas por Perini. A seção 6 – *Considerações finais* apresenta aspectos relevantes de uma e outra abordagem e algumas possibilidades de estudos futuros sobre o assunto.

Publicados entre 1882 e 1906, os dez contos de Machado analisados encontram-se em seleção feita pelo professor Sergius Gonzaga na obra *Machado de Assis: Contos definitivos* e publicada pela Editora Novo Século, em 1998. Já os contos de Rubem Braga analisados foram publicados em 1979 pela editora Nova Fronteira na obra *O Cobrador*, que também é o nome de um dos contos.

Para confrontar os fenômenos gramaticais e os textos, foi feita uma análise quantitativa dos fenômenos, selecionando algumas trilhas de investigação já conhecidas ou indicando outras que precisem ser criadas ou revisadas com mais detalhe. Com isso, novas trilhas poderão ser abertas para esclarecer algum aspecto que não tenha sido devidamente estudado.

Por fim, espera-se apresentar elementos para compor um roteiro de estudos sobre estruturas interrogativas, contemplando as contribuições tanto da GT quanto das gramáticas descritivas. Estes pontos podem contemplar tanto aspectos da língua como a sintaxe, a comunicação, constituição identitária do falante, quanto o desenvolvimento da lógica natural da língua, do raciocínio, da capacidade não só de elaborar respostas, mas de construir perguntas.

A fim de atingir os objetivos e por razões metodológicas, foi priorizado o estudo das estruturas interrogativas diretas, marcadas por um ponto de interrogação no final. As estruturas interrogativas indiretas não serão aprofundadas neste trabalho, ainda que sua relevância esteja reconhecida, pois as duas gramáticas analisadas citam-nas.

1. Estruturas interrogativas na gramática tradicional

Os estudos da GT orientam-se pela produção escrita de escritores-modelo. Este campo de estudos sobre a língua parte do princípio de que, na escrita, a imitação dos modelos é a melhor forma de se ensinar e de se aprender a produzir frases e orações gramaticalmente corretas. A exemplificação farta é, portanto, um dos pilares do método, tanto para validar as hipóteses propostas, quanto para esclarecer exceções.

Por se apoiar em textos e autores exemplares, de orientação especialmente literária, a tradição gramatical se mantém até nossos dias como um dos eixos centrais do ensino e aprendizagem de língua portuguesa. É comum recorrer aos manuais de gramática para esclarecer dúvidas sobre diversos aspectos.

Entretanto, alguns interessados pela língua portuguesa, talvez por falta de aviso, acabam por ignorar algumas sinalizações existentes nos textos introdutórios destas gramáticas e aterrissam no texto gramatical e seus exemplos com informações insuficientes, ficando sujeitos a turbulências e arremetidas. Treinados pela escola para encontrar o ponto gramatical pelo índice, os desavisados miram no item desejado e ficam muitas vezes sem respostas para suas dúvidas.

Há algumas hipóteses para isso. Às vezes, o assunto está pulverizado em diversos capítulos, o que dificulta o empreendimento não só dos iniciantes, mas também dos mais experientes. Em outras situações, encontram-se no texto apenas recomendações genéricas elaboradas para a língua culta escrita. E não aparece nada ou quase nada sobre situações como a fala e a escrita não culta. Uma leitura mais atenta dos preâmbulos evitaria este tipo de desperdício e colocaria o trem de pouso na pista correta, com nível de atrito adequado.

No prefácio - datado de 1985 - da *Nova gramática do português contemporâneo*, escolhida como bússola para, neste artigo, guiar os estudos pelos céus da GT, dois dos mais conhecidos gramáticos tradicionais da língua portuguesa tentam esclarecer o leitor em relação a isso. Mas, apesar da brilhante tentativa formulação dos mestres, uma névoa imprecisa permanece no enunciado que deveria esclarecer a natureza do empreendimento, que está assim descrita:

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. XXIV)

Este aviso cria a expectativa no leitor de encontrar exemplificações exclusivamente de textos literários, mas não é o que ocorre, pois em algumas circunstâncias envolvendo estruturas interrogativas encontramos exemplos cuja autoria não é atribuída a autores canônicos. Teriam, os autores literários, usado estas estruturas em seus textos?

Ao iniciar a leitura da obra, o primeiro estranhamento surge ao tentar localizar o assunto das estruturas interrogativas. Elas são apresentadas sob aspectos diversos (o caráter entonacional, o uso de pronomes e advérbios interrogativos, o uso de um sinal de pontuação específico dentro do sistema de sinais, a diretividade do discurso), em capítulos diversos e sem um vínculo textual entre si.

No texto, o assunto específico das estruturas interrogativas aparece em pelo menos quatro momentos. O primeiro surge no capítulo *Frase, oração e período*, em que é apresentada a oração interrogativa. No capítulo *Pronomes*, encontramos considerações sobre a flexão dos pronomes interrogativos, seus valores e seus empregos. No capítulo *Advérbios* são apresentados os advérbios interrogativos de causa, de lugar, de modo e de tempo. Por último, há uma breve entrada em um relevante capítulo para o estudo das estruturas interrogativas – *Pontuação* - em que o ponto de interrogação aparece entre os sinais que marcam sobretudo a melodia, em oposição aos sinais que marcam pausa, como a vírgula e o ponto final.

A preparação do terreno para falar de estruturas interrogativas é feita nas definições de Frase, Oração e Período. Partindo-se destas definições, percebe-se a centralidade do elemento verbal nos estudos gramaticais tradicionais. Segundo os autores, “Frase é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 133).

Em relação ao estudo da estrutura frasal, a sintaxe é descrita como a parte da gramática que descreve as regras que regem a combinação de palavras na Frase. Ainda que

não esteja claramente escrito, ao selecionar um aspecto semântico para definir Frase, os autores reservam o centro dos estudos sintáticos para o verbo, através das estruturas oracionais, em oposição às estruturas não oracionais.

Já o conceito de Oração não aparece de forma tão evidente quanto o de Frase. Este conceito deve, portanto, ser depreendido do contexto: se o que define a Frase é a completude do sentido, a Oração precisa de pelo menos um verbo para existir. Esta precisão sintática na definição de oração contrasta com a fragilidade da definição semântica de Frase, que se organiza em torno do sentido. Por exclusão, estas definições acabam por explicar a existência de estruturas nominais (sem verbo), cujo uso é evidente, ainda que sem destaque representativo nos estudos da GT, pois exigem uma ideia de contexto que só a pragmática dispõe.

Uma vez estabelecida uma definição para Oração e Frase, fecha-se o raciocínio anunciado no título do capítulo com a definição de Período, que é “a Frase organizada em Oração ou Orações” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 135).

Do ponto de vista da gramática tradicional, as orações interrogativas devem ser estudadas em dois grandes grupos: (I) as não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo e (II) as iniciadas por estes vocábulos. Nos exemplos abaixo, podemos afirmar que a oração (9) pertence ao primeiro grupo; e as orações (10) e (11) ao segundo grupo.

- (9) Os alunos chegaram tarde?
- (10) Quem chegou tarde?
- (11) Como soube disto?
- (12) Os alunos chegaram tarde.

Segundo os autores, o estudo das orações interrogativas não iniciadas por pronomes interrogativos deve ser feito “tomando como exemplo a mesma oração declarativa, enunciada, porém, de forma interrogativa” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 184). Dessa forma, uma oração como (9) deve ser estudada em comparação com a oração (12), devidamente ajustada para a circunstância interrogativa, especialmente pelas mudanças observadas em seu aspecto entonacional.

O estudo proposto para este primeiro grupo consiste em verificar a curva melódica da frase, a resposta esperada, as quedas e as subidas de voz, atribuindo à entonação a função de transformar uma frase de declarativa em uma interrogativa.

Tendo em vista a falta de detalhamento da descrição, espera-se que os exemplos esclareçam melhor esta questão, o que não ocorre. O único exemplo é (12), que é retomado para explicar a oração interrogativa (9).

Já para estudar o segundo grupo - orações interrogativas iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo - convém deslocar-se até os respectivos capítulos que tratam destas classes de palavras, identificar estes elementos, e depois retornar a este ponto. Ou seja, seguindo a ordem proposta pela GT, reconhecer as estruturas morfológicas citadas na definição (pronome e advérbio, neste caso) e depois verificar a sua combinação com os demais elementos na oração (sintaxe).

De acordo com a GT, os pronomes interrogativos são compostos por um pequeno grupo de palavras, cuja ocorrência é fundamental para o estudo das estruturas interrogativas. Segundo os autores “[c]hamam-se interrogativos os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto* empregados para formular uma pergunta direta ou indireta” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 366).

Já os advérbios interrogativos contêm as ideias tradicionais da classificação dos advérbios, baseada nas noções de causalidade, localização, modalidade, temporalidade. No início do capítulo dos advérbios, encontra-se a lista de advérbios interrogativos bem como sua classificação: *por que?* (de causa); *onde?* (de lugar); *como?* (de modo); *quando?* (de tempo) (CUNHA & CINTRA, 2013, pp. 557-558).

Com a identificação dos pronomes e advérbios interrogativos, é possível retomar a definição deste segundo grupo de orações interrogativas iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo. Esta retomada é feita pelo exemplo verificado na oração (11).

Um pouco mais obscura é a distinção feita entre as orações interrogativas diretas e indiretas. De acordo com a gramática em estudo, as diretas são marcadas com ponto de interrogação ao final (9), (10) e (11) e as indiretas são marcadas com ponto final (13). As orações interrogativas diretas teriam entonação ascendente, já as indiretas teriam entonação descendente.

(13) Diga-me como soube disso.

É convincente a explicação dada de que a entonação é responsável pela função interrogativa ou afirmativa de uma estrutura. Em situações de língua falada, pode ser utilizada com tranquilidade. Por outro lado, na escrita, é preciso identificar os recursos disponíveis para

fazer esta marcação, indicando o que se pretende utilizar: uma interrogativa indireta ou uma afirmativo-declarativa.

No *Capítulo 20 – Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre*, os autores apresentam duas características para o discurso direto, uma formal e a outra expressiva. No plano formal é citada a presença de verbo dicendi (dizer, afirmar, ponderar, perguntar, indagar) e no plano expressivo é destacado que a força da narração é maior no discurso direto, pois faz emergir a personagem através das falas:

Estas (as falas) ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, *interrogações* (grifo nosso), interjeições, vocativos e imperativos” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 651)

Já no discurso indireto (e conseqüentemente nas estruturas interrogativas indiretas) as falas das personagens aparecem numa oração subordinada substantiva, em geral desenvolvida.

O capítulo dedicado às orações subordinadas substantivas apresenta informações sobre estas estruturas “normalmente introduzidas pela conjunção integrante que (às vezes, por se)” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 614). Mas como não serão objeto deste estudo, limitar-nos-emos ao já exposto.

Do *capítulo 19 – Figuras de sintaxe*, há um relevante aspecto para compreender especialmente as situações em que não ocorre verbo e se configura aparentemente em estruturas não-oracionais.

Nem sempre as frases se organizam com absoluta coesão gramatical. O empenho da maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas das estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 633)

Assim, a elipse é apresentada como uma figura de sintaxe em que ocorre a “omissão de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 633). Neste sentido, a ausência de um elemento que possa ser recuperado pelo contexto é reconhecida como um processo gramatical que permite estudar oracionalmente construções em que o verbo não esteja expresso. A elipse do verbo ser total ou parcial. A GT contempla ainda a frase nominal, cuja organização sem verbo a torna mais incisiva. (CUNHA & CINTRA, 2013, pp. 634-635).

Diferentemente das estruturas interrogativas, os gramáticos tradicionais apresentam estruturas elípticas de textos literários.

Vão os dois em diálogo peripatético, ele em passo largo, ela no vôo. (C. Drummond de Andrade, CB, 26)
Vida ruim, a nossa... (Alves Redol, G, 105) (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 634)

Apesar disso, as construções elípticas ou frases nominais não foram analisadas neste trabalho, mas esta pode ser uma trilha importante para compreender fenômenos aparentemente não-oracionais.

2. Estruturas interrogativas na gramática descritiva

Diferentemente da GT e de acordo com a nota do editor, a *Gramática do português brasileiro* é o resultado das pesquisas do autor – Mário A. Perini – sobre o português falado, (PERINI, 2010, p. 15). Já na apresentação, o autor apresenta sua posição, especialmente em relação à GT. Alinhada com teorias linguísticas mais recentes, a obra de Perini tem por objeto de estudo o português brasileiro (PB) e “tem objetivos diferentes das gramáticas usuais” (PERINI, 2010, p. 17).

As diferenças estabelecidas pelo autor em relação à GT são apresentadas logo no início do texto. Ele cita que a gramática não é instrumento adequado para a aquisição da língua escrita. Outra diferença mencionada é a necessidade de incluir a língua falada (e não somente a escrita). São citadas, ainda, a necessidade de estudar a língua como ela é (e não como ela deveria ser), a importância de usar noções gramaticais novas e a ideia de que a gramática não é uma descrição completa.

O autor ainda questiona a pobreza conceitual da nomenclatura gramatical brasileira (NGB) e a ausência de um quadro teórico robusto na GT. Por último, indica o direcionamento de sua gramática do português brasileiro para um público interessado em estudar cientificamente a língua, posicionando-se frontalmente contra a mera reprodução de modelos, sem questionamentos.

Apesar disso, percebe-se um misto entre reverência aos gramáticos tradicionais e uma sede de navegar pelos novos mares da gramática guiado pelos instrumentos da linguística. O linguista sabe que esses novos instrumentos são infinitamente mais precisos, especialmente para corrigir as distorções mais evidentes. Ainda que, para isso, seja necessário refazer alguns caminhos e conferir se as contemporâneas análises científicas serão realmente mais eficazes do que as tradicionais.

Na Gramática de Perini, as estruturas interrogativas dividem um capítulo com as negativas, indicando que o autor dá um tratamento diferenciado para estes dois grupos de estruturas em sua visão de língua. Ele não chega a justificar a reunião destes dois itens em um único capítulo, mas é indiscutível o avanço decorrente da existência de um capítulo exclusivo sobre estruturas que não correspondem à estrutura mais comum: a declarativo-afirmativa. A

destinação deste espaço já é uma relevante diferenciação em relação ao tratamento dado às estruturas interrogativas pela GT.

No capítulo 10 - *Construções Interrogativas e Negativas*, o autor apresenta sete tipos de estruturas interrogativas: 1) fechadas (sim/não); 2) abertas (interrogativas-Q); 3) é que; 4) inversão; 5) Cadê?; 6) indiretas; 7) Eco. Esta classificação apresenta significativos avanços, pois reconhece aspectos que sequer são citados pela GT.

Antes de entrar no estudo de cada um dos tipos, o autor faz uma relevante distinção, afirmando que “uma oração interrogativa não é a mesma coisa que uma pergunta.” (PERINI, 2010, p. 123). Segundo ele, pergunta é um ato ilocucionário que pode ser feito tanto com orações ou frases interrogativas como com orações ou frases afirmativas ou negativas.

Os exemplos (14), (15) e (16), esclarecem esta afirmação.

- (14) Você já guardou as camisas na gaveta? (pergunta)
- (15) Você não consegue ficar calado não? (ordem)
- (16) Eu esqueci seu nome. (pedido de informação / pergunta)

Pragmaticamente, no exemplo (14) temos uma pergunta e no (15) temos uma ordem, ainda que ambos estejam formulados em uma estrutura interrogativa. E no exemplo (16), temos um pedido de informação que tem o mesmo valor de uma pergunta, construído através de uma estrutura afirmativo-declarativa. Assim, o autor apresenta uma distinção entre a pergunta como uma função ilocucionária e a oração ou frase interrogativa como uma estrutura gramatical.

A função ilocucionária citada refere-se à teoria dos atos de fala, proposta por John Langshaw Austin. Segundo Joana Plaza Pinto, os Estudos de Atos de Fala, “*concebem a linguagem como uma atividade construída pelos/as interlocutores/as, ou seja, é impossível discutir linguagem, sem considerar o ato de linguagem*”. (MUSSALIM & BENTES, 2012, p. 66) Ainda segundo a mesma autora, são chamados “*atos ilocucionários aqueles que refletem a posição do locutor/a em relação ao que ele/a diz.*” (MUSSALIM & BENTES, 2012, p. 66). Assim a distinção feita por Perini é de caráter pragmático e transcende a análise semântica e sintática da sentença.

Quanto aos sete grupos citados acima, a análise de cada um deles permite compreender o que há de realmente novo em relação aos estudos das estruturas interrogativas pela GT.

No primeiro grupo estão as construções interrogativas fechadas, cuja resposta pode ser formada por uma entre duas opções: sim ou não. Ao utilizar o tipo de resposta para classificar a pergunta, o autor reconhece a existência de uma importante regularidade na língua. Em relação às perguntas fechadas, o autor cita que, para funcionar como construção interrogativa, basta acrescentar a estas um contorno entonacional ascendente à estrutura afirmativa. Isto é, como na GT, Perini atribui à entonação a função de metamorfosear uma estrutura declarativa em interrogativa “fechada”.

Outro aspecto observado por Perini é que um matiz de incerteza pode ser acrescentado às interrogativas fechadas se a frase começar com “Será que”, como se observa em (19).

- (17) O governo vai aumentar o imposto de renda.
- (18) O governo vai aumentar o imposto de renda?
- (19) Será que o governo vai aumentar o imposto de renda?

Neste sentido, os exemplos (17) e (18) são muito semelhantes aos exemplos (9) e (12) da GT. O que a GT chama de orações interrogativas não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo, a gramática descritiva em estudo denomina pergunta fechada (sim/não). Entretanto, observa um fenômeno novo: este tipo de pergunta pode vir introduzida por um elemento que suscita dúvida.

Sem aprofundar a análise morfossintática desse elemento novo, representado pelo verbo *ser* no futuro (*será*), acrescido da conjunção integrante (*que*), o autor confirma sua metodologia de trazer regularidades da língua para os estudos gramaticais, ainda que novos estudos sobre o tema precisem ser realizados para refletir sobre outras estruturas que também acrescentem o mesmo matiz de incerteza, como se vê em (20).

- (20) Alguém acha que o governo vai aumentar o imposto de renda?

Neste caso, é necessário inserir elementos do contexto que permitam entender a construção pragmaticamente, pois dependendo do contexto e da entonação a pergunta pode esperar como resposta o nome de alguém que acredite que o governo vai aumentar o imposto de renda ou acrescentar um certo matiz de incerteza à estrutura.

Ainda no grupo das perguntas fechadas, Perini não aborda construções como (21) e (22).

- (21) O Paulo vem, não vem?
 (22) O Paulo gosta da Maria, não gosta?

Estas construções também são perguntas de resposta sim/não, mas não marcadas meramente pela alteração na entonação: elas na verdade repetem elípticamente a declarativa no final da frase, e só esta oração elíptica recebe entonação interrogativa. A oração declarativa completa permanece com entonação declarativa. Esta construção possui uma especificidade, pois normalmente ela está confirmando uma informação, pois em (22), o falante acha que “O Paulo gosta de Maria”, embora alguma circunstância possa ter dado a entender que não.

- (23) O Paulo não gosta da Maria, gosta?

O segundo grupo citado é o das estruturas interrogativas abertas (interrogativas-Q). Segundo o autor, elas incluem “um interrogativo (uma classe de formas que inclui *que, o que, quando, qual, onde, aonde, quem, por que, como, cadê*) que pode vir no início, mas não necessariamente.” (PERINI, 2010, pp. 124-125). Neste caso, a entonação alto-descendente é influenciada pela posição do interrogativo, que pode estar no início da sentença (24), *in situ* (posição normal do componente que substitui) (25), ou no fim da estrutura (26).

- (24) Qual aparelho você vai levar?
 (25) Você vai levar qual aparelho?
 (26) Aparelho... você vai levar qual?

Neste ponto, o autor traz significativa contribuição aos estudos propostos pela GT, pois acrescenta elementos que não haviam sido reconhecidos como pronomes ou advérbios interrogativos novos, como é o caso de *o que, aonde, cadê*. A lista de partículas interrogativas se amplia em comparação com o restritíssimo rol de quatro advérbios e quatro pronomes prescritos pela GT. Mas ainda cabe perguntar se esta lista está completa ou se outros constituintes interrogativos podem ser acrescentados a ela.

Ainda no estudo das interrogativas abertas, o autor cita a ocorrência de um fenômeno muito comum: a ocorrência do constituinte clivado *é que, foi que* no interior da oração. Os exemplos (27) a (30) dão uma ideia das variações em torno deste fenômeno.

- (27) Quem te ajudou?

- (28) Quem é que te ajudou?
- (29) Quem foi que te ajudou?
- (30) Quem que te ajudou?

Este é, portanto, é um fenômeno inteiramente novo apresentado por Perini em suas estruturas interrogativas, em relação aos estudos da GT. Uma vez reconhecido, é preciso aprofundar seu estudo para que possam analisadas as suas ocorrências especialmente na língua falada, ainda que não seja raro inclusive em textos literários e jornalísticos. Outra questão que precisa ser respondida é a regularidade do *será que* como constituinte de clivagem, assim como *é que* está clivado em (28) e *foi que* está clivado em (29).

O quarto fenômeno estudado por Perini é o da inversão, que pode ser verificado tanto em orações interrogativas quanto em outros tipos de oração.

- (31) Quando foi que seu avô morreu?
- (32) Quando foi que morreu o seu avô?

A ordem sujeito – verbo (31) se inverte para verbo – sujeito em (32). A presença desta tipologia entre as orações marcadas como interrogativas revela que a inversão tem alguma relevância em relação às orações não marcadas (declarativas). Por esta razão o autor destacou-a no capítulo de construções interrogativas, ainda que ocorra em outros tipos de oração. Uma das funções da inversão pode ser o destaque para um aspecto da pergunta que se quer topicalizar. Com isso, é compreensível a sua inclusão nos estudos das estruturas interrogativas, pois em muitos casos elas funcionam como verdadeiras molas propulsoras no texto.

Quinto fenômeno interrogativo citado, *cadê* significa “onde está” e sua característica principal é a de provocar um desaparecimento ainda que aparente do verbo na oração. Apresentado no estudo das orações interrogativas abertas, este componente ganha um destaque especial por sua característica morfossintática, já que a oração fica aparentemente sem verbo, podendo causar a falsa impressão de que se trata de estrutura não oracional.

- (33) Onde está aquele caderno amarelo?
- (34) Cadê aquele caderno amarelo?

Etimologicamente, “cadê” é uma evolução de “que é (feito) de” até chegar por crase em “quede” e depois, por expressividade, chegou em “quedê” e daí a “cadê”. (HOUAISS, 2014). O verbo está, portanto, incrustado no elemento interrogativo, exigindo um conhecimento gramatical diacrônico para lapidar a estrutura, desfazer os metaplasmos e encontrar a evidência da sua teoria.

As construções interrogativas indiretas são o sexto aspecto apresentado. Em relação ao este aspecto, de acordo com o autor, “as orações interrogativas podem aparecer como subordinadas, e se chamam, então, interrogativas indiretas” (PERINI, 2010, p. 127).

(35) Quem comeu as salsichas?

(36) Eu quero saber quem comeu as salsichas.

Esse aspecto das interrogativas indiretas retoma um aspecto já citado na GT, esclarecendo de forma mais precisa sua realização. Enquanto a oração (35) é evidentemente uma interrogativa, a (36) como um todo não tem necessariamente o caráter interrogativo e pode ser analisada como uma oração afirmativa ou declarativa.

Por outro lado, a subordinada é certamente uma interrogativa. Isto é, (36) equivale a “Eu quero saber: ‘quem comeu minhas salsichas?’”. A análise do caráter interrogativo desta subordinada depende muito do contexto em que a estrutura ocorre, demandando mais elementos para saber se ela consiste efetivamente em uma pergunta, um desejo, uma divagação.

É importante aprofundar este estudo, descrever o caráter interrogativo das indiretas e comprová-lo pela análise de construções. As interrogativas indiretas são parte de um período composto, que não é (ou não precisa ser) necessariamente interrogativo. Este período reporta uma fala e, por isso, é discurso indireto. Há casos em que ocorre uma coincidência entre o discurso direto e o indireto, especialmente quando o verbo *dicendi* é usado em primeira pessoa do singular no presente, como se vê nos exemplos abaixo em que a construção indireta (37) equivale à pergunta direta (38).

(37) Eu te pergunto se Maria vale tudo isso.

(38) Maria vale tudo isso?

Dos sete, o último fenômeno descrito é o das interrogativas-eco. Por não ter descrição correspondente na GT, este aspecto é uma evidência de fenômenos exclusivos da fala no

estudo de Perini. Segundo o autor, as interrogativas-eco expressam uma situação de dúvida ou um pedido de conformação e possuem um padrão entonacional próprio, especialmente ascendente no final.

(39) Você foi com a Cláudia no cinema??

(40) Você foi ao cinema com quem??

Visivelmente interessado em destacar a questão da ênfase na palavra que fica no final da oração, este fenômeno é especialmente relevante na língua falada, corroborando a intenção do autor de incluir de forma evidente a fala em seu estudo gramatical e reforçando sua posição em relação a GT.

3. Estruturas interrogativas em textos literários

Com o objetivo de verificar a consistência das descrições gramaticais, foram analisadas estruturas interrogativas diretas que ocorrem em contos dos escritores brasileiros Machado de Assis e Rubem Fonseca.

Estes autores foram selecionados porque são frequentes as ocorrências de seus textos em antologias escolares, o que significa que sua produção literária é acessível aos estudantes de língua portuguesa em diversos níveis educacionais.

Foram analisados dez contos de cada um dos autores selecionados, em que foram identificadas 538 estruturas interrogativas diretas. O quadro abaixo apresenta um resumo dos dados, pela perspectiva da GT.

Item	Machado		Rubem	
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual
Estrutura Oracional (contém verbo)	121	75%	308	82%
(1) <i>Contém pronome ou advérbio interrogativo</i>	78		129	
(2) <i>Não contém pronome ou advérbio interrogativo</i>	43		179	
Estrutura não oracional (não contém verbo explícito)	41	25%	68	17%
(3) <i>Contém pronome ou advérbio interrogativo</i>	11		25	
(4) <i>Não contém pronome ou advérbio interrogativo</i>	30		43	
Total Geral	162	100%	376	100%

Tabela 1

Analisando os dados acima, percebe-se que as análises propostas pela GT não dão foco a 25% das estruturas presentes nos contos analisados de Machado de Assis. No caso das estruturas encontradas nos textos de Rubem Braga, este percentual é de 18%.

Da perspectiva da Gramática do PB de Perini, as estruturas foram analisadas em relação a ser abertas ou fechadas (critérios 1 e 2), a presença da estrutura “é que” (critério 3), a ocorrência de inversão (critério 4) e do interrogativo “cadê” (critério 5). Não foram consideradas nesta as especificidades das interrogativas indiretas (tipo 6) e interrogativas eco (tipo 7). As indiretas por razões metodológicas e a interrogativa eco por ser um fenômeno característico da fala.

O quadro abaixo apresenta um resumo das análises considerando os critérios do Perini.

Item	Machado		Rubem	
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual
1. Fechada	71	44%	214	57%
2. Aberta	91	56%	162	43%
Total Geral	162	100%	376	100%

Tabela 2

Considerando apenas estes dois critérios, consideramos que as descrições contemplam 100% das estruturas analisadas. Isso significa que eles representam uma divisão eficiente do conjunto de fenômenos estudados.

Foi identificada uma especificidade nas estruturas interrogativas fechadas, pois apesar de em 10 casos (2% do total) a resposta esperada não ser do tipo sim/não, a estrutura interrogativa já contém duas ou três opções na pergunta o que a torna fechada. Neste estudo, elas foram classificadas como *Interrogativas fechadas*, cujas opções fechadas estão ligadas pela com a conjunção alternativa *Ou*. Elas foram tipificadas como *Fechadas Ou*. Apesar de não ter sido descrito por Perini, contemplamos quantitativamente no grupo das *Fechadas*, neste caso *Fechadas Ou*, pois ele tem semelhanças com as Interrogativas fechadas (Sim/Não).

Os exemplos abaixo exemplificam a proximidade entre os dois tipos e a nossa escolha em classificar (41) como Fechada Ou e (42) como Fechada sim/não.

(41) Faltam seis anos, você acha muito ou pouco tempo? (Pierrô da caverna)

(42) Foi o seu marido que fez isso? (Livro de ocorrências)

No Exemplo (41) percebe-se um encadeamento de perguntas fechadas. A primeira pergunta é “I. Você acha muito tempo?”, que pode ser classificada como Fechada Sim/Não. Se a resposta a esta primeira questão for positiva, a segunda pergunta é irrelevante. Entretanto, se a resposta for negativa, caberia perguntar “II. Você acha pouco tempo?”. Por objetividade ou alguma outra razão que precisa ser pesquisada, a pergunta é feita

apresentando as duas opções, restando ao interlocutor escolher uma das duas: opção I – muito tempo; opção II – pouco tempo.

Já o caso apresentado em (42) também apresenta a possibilidade de ser respondida de forma positiva (sim) ou (não). Esse encadeamento alternativo é que une os dois casos estudados.

Quanto aos demais critérios avaliados, eles se encontram distribuídos como abaixo.

Item	Machado		Rubem	
	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual
3. É que	17	10%	11	3%
4. Inversão	16	10%	18	5%
5. Cadê	0		1	0,3%
Total Geral	33	20%	30	8%

Tabela 3

A evidente redução percentual dos casos de inversão e clivagem (é que), comparando-se os textos de Machado com os de Rubem Braga, pode indicar tanto uma mudança diacrônica, quanto uma naturalidade maior no texto de Rubem Braga, em oposição a certa artificialidade nas estruturas interrogativas elaboradas por Machado de Assis.

Já a ocorrência de apenas um caso de “cadê”, indica que estes textos não são adequados para buscar exemplos a fim de estudar este fenômeno.

4. Estruturas interrogativas em Machado de Assis segundo a GT

A contagem das estruturas interrogativas nos contos selecionados indica a presença de 162 estruturas interrogativas diretas, assim distribuídas:

Texto	Número de estruturas interrogativas diretas
01. A cartomante	10
02. Conto de escola	14
03. Uns braços	9
04. O caso da vara	17
05. Noite de almirante	28
06. Um homem célebre	14
07. O espelho	12
08. Pai contra mãe	11
09. Missa do galo	13
10. O alienista	34
Total Geral	162

Tabela 4

Inicialmente, foi verificado que das 162 estruturas analisadas, 121 (75%) contém verbo e 41 (25%) não contém. Essa informação já é reveladora da necessidade de incluir o estudo de elipse nas explicações a partir da GT para os fenômenos interrogativos.

Considerando as 121 estruturas oracionais, identificamos os grupos propostos pela GT e verificamos que o grupo **Orações interrogativas diretas com pronome ou advérbio interrogativo** (78 ocorrências) é o mais expressivo dos quatro grupos organizados para este estudo. Neste primeiro grupo, verifica-se a posição do pronome ou advérbio interrogativo que pode ser início da oração ou não.

Das 78 ocorrências, os interrogativos ocorrem 71 vezes no início da estrutura, conforme se observa nos exemplos (43) a (45).

- (43) Onde é a casa? (A cartomante)
- (44) Que é que você tem? (Uns braços)
- (45) Por que quatro ou cinco? (O espelho)

Foram identificados sete casos em que o interrogativo não ocorre no início da oração, como se vê nos exemplos (46) a (48).

- (46) Castigar por quê? (O caso da vara)
- (47) Casar com quem? (Um homem célebre)
- (48) Enjeitar como? (Pai contra mãe)

Analisando-se quantitativamente os dados acima, identificamos que os casos de interrogativo em início da frase são mais abundantes nesta amostra. De qualquer modo, os casos menos abundantes foram contemplados pela GT. Por isso, é preciso considerar, neste item, a amplitude dos estudos gramaticais tradicionais.

O segundo grupo formado por **Orações interrogativas diretas sem pronome ou advérbio interrogativo** apresentou 43 ocorrências nos contos analisados, dos quais destacamos as seguintes.

- (49) Você quer esta? (Conto de escola)
- (50) E não era ela bonita? (Uns braços)
- (51) Custa-lhes acreditar, não? (O espelho)
- (52) Mas as outras crianças não nascem também? (Pai contra mãe)

- (53) Não tem medo de almas do outro mundo? (Missa do galo)

O terceiro grupo são as **Estruturas interrogativas com pronomes ou advérbio interrogativos sem verbo expresso**, cuja análise não é contemplada explicitamente pela GT como orações interrogativas, já que não apresentam verbo, mas que podem ser estudadas considerando o conceito de figuras de sintaxe e de elipse, já que, em alguns casos, pode-se pelo contexto recuperar a estrutura oracional. Foram identificados nove casos, dos quais destacamos os seguintes.

- (54) Que mais? (A cartomante)
 (55) Você quê? (Conto de escola)
 (56) Como assim? (O caso da vara)
 (57) Para quê? (Um homem célebre)
 (58) Certa como? (Pai contra mãe)
 (59) O quê? (Missa do galo)

O quarto grupo analisado - **Estruturas interrogativas sem pronome ou advérbio interrogativo e sem o verbo expresso** – são da mesma forma relevantes para compreender o funcionamento das estruturas interrogativas, pois compreendem situações que precisam ainda mais de contextualização, pois não há sequer partículas interrogativas e a marcação de interrogatividade é dada pelo uso do ponto de interrogação. Dos 30 identificados, os casos (60) a (64) são representativos.

- (60) Morro ou campo? (Conto de escola)
 (61) Criança? (Uns braços)
 (62) E você? (Noite de almirante)
 (63) Por mal? (Pai contra mãe)
 (64) Nenhum vício? (O alienista)

Nestes dois últimos casos, é importante destacar a necessidade de ampliar a análise para além do período, a fim de compreender melhor os fenômenos. Para isso, pode-se utilizar uma das ferramentas oferecidas pela própria GT - a elipse. Os exemplos precisam ser analisados para identificar em que situações é possível reconstruir o contexto e explicar as situações.

Entretanto, um estudo gramatical que tenha por objetivo contemplar as estruturas interrogativas como um todo não pode deixar de descrever estes casos e refletir com os interessados sobre a sua ocorrência tanto na fala quanto na escrita.

5. Estruturas interrogativas em Rubem Fonseca, segundo a gramática descritiva

Os contos do escritor Rubem Fonseca analisados apresentaram 376 estruturas interrogativas, chamando atenção que em um único conto ocorrem 130 estruturas (representando 35% do total). E outro conto A caminho de Assunção não apresenta nenhuma.

A tabela abaixo apresenta um resumo dos dados.

Texto	Número de estruturas interrogativas diretas
01. Pierrô da caverna	33
02. H. M. S. Cormorant em Paranaguá	28
03. O jogo morto	22
04. Encontro no amazonas	36
05. A caminho de Assunção	0
06. Mandrake	130
07. Livro de ocorrências	9
08. Onze de maio	50
09. O almoço na serra no domingo de carnaval	31
10. O cobrador	37
Total Geral	376

Tabela 5

Considerando os critérios de Perini, o primeiro grupo analisado foi o das **Interrogativas fechadas (Sim/Não e Ou)**. Pelos dados quantitativos, identifica-se que 214 construções (57% das ocorrências) encontram-se neste grupo, como se vê em (65) a (69).

- (65) Você sabe o que fazer, não sabe? (Encontro no amazonas)
- (66) Foi o seu marido que fez isso? (Livro de ocorrências)
- (67) Sabe o que a gente vai colher? (Onze de maio)
- (68) Ou será outra coisa, um projeto mais amplo, uma política para todos nós? Onze de maio)
- (69) Você pensa que ela vai sofrer? (O cobrador)

Mesmo entre as interrogativas fechadas ocorrem especificidades, como o que se vê em (65) em que a estrutura parece mais confirmar uma informação que o falante já tem, ainda que para isso use uma estrutura fechada. Isso reforça que a categorização em abertas e fechadas é robusta e pode ser usada como uma forma de entender e classificar estas estruturas.

Nestes casos, percebe-se o grau de espontaneidade característico da fala como se vê em (65), o que demonstra que a proposta contempla significativa parte dos fenômenos. Entretanto, é preciso contemplar na descrição as ocorrências de **Interrogativas fechadas com a conjunção alternativa Ou (Interrogativas Fechadas Ou)**. Os exemplos (70) a (72) evidenciam esta necessidade.

- (70) Faltam seis anos, você acha muito ou pouco tempo? (Pierrô da caverna)
- (71) Só aqui na cidade ou em toda a Baixada? (O jogo morto)
- (72) Destoante do que ou de quem? (O almoço na serra no domingo de carnaval)

O grupo das **Interrogativas abertas (interrogativas-Q)** contempla 43% das ocorrências (162 construções). Os exemplos abaixo são representativos.

- (73) Como vai o colégio? (Pierrô da caverna)
- (74) Quem vai decidir quem é branco, preto ou mulato? (O jogo morto)
- (75) Qual será o nome que ele estará usando agora? (Encontro no amazonas)
- (76) Então por que a senhora veio aqui? (Livro de ocorrências)
- (77) Que lixo será que eles queimam? (Onze de maio)
- (78) Não tem não o quê? (O cobrador)

Ao analisar as construções para identificar as que se encontram no grupo **É que**, foram identificadas variações **Foi que** e **Será que**. Em virtude disso, a contagem foi feita contemplando as três possibilidades. O que se verifica, também é que o fenômeno ocorre com mais frequência em Interrogativas abertas (interrogativas-Q) do que em Interrogativas fechadas (Sim/Não e Ou). Das 28 ocorrências encontradas, considerando os dois autores - Machado e Rubem - 27 ocorrem em Interrogativas abertas e apenas uma ocorre em Interrogativa fechada.

Os exemplos (79) a (81) são do primeiro grupo.

- (79) Como é que alguém pode ter boca tão bonita? (O cobrador)

(80) Por que será que nós os velhos não podemos? (Onze de maio)

(81) Que lixo será que eles queimam? (Onze de maio)

A única construção identificada nos 20 textos analisados com *É que* em interrogativas fechadas é a (82), encontrada no conto *Um homem célebre* do escritor Machado de Assis.

(82) Ah! o senhor é que é o Pestana? (Um homem célebre)

Esta raridade deve ser interpretada como um indicativo para que se busque em outros gêneros textuais uma explicação para tão pequeno número de ocorrências desta combinação, bem como verificar a necessidade de descrevê-la como fenômeno gramatical.

6. Considerações Finais

Os estudos gramaticais das estruturas interrogativas podem contribuir para a descrição dos fenômenos encontrados nos textos. Essa contribuição se torna relevante em função da predominância das estruturas afirmativo-declarativas nos estudos gramaticais.

Ainda que a validade da construção de um roteiro básico para o estudo gramatical das estruturas interrogativas precise ser discutida, espera-se que alguns dos tópicos aqui apresentados possam apoiar na sua elaboração.

Por outro lado, é importante considerar que este é um estudo inicial e que a reflexão sobre os tipos de estruturas interrogativas deve ser ampliada para outros textos - escritos e falados - a fim de que se possa organizar e sistematizar os tipos mais frequentes que ocorrem em cada gênero, considerando suas especificidades.

Entretanto, verifica-se que a utilização de uma nomenclatura adequada na classificação das estruturas pode ser um ponto de partida para reduzir essa assimetria tomada como ponto de partida deste artigo. Ao refletir sobre os tipos de estruturas interrogativas, será possível contemplar aspectos baseados na intencionalidade do usuário da língua, sua competência comunicativa e seu grau de domínio da variante que melhor se aplica à circunstância comunicativa que vivencia.

Nesse sentido, consideramos que a capacidade de elaborar perguntas e construir respostas é um aspecto importantíssimo no domínio das possibilidades que a língua oferece aos indivíduos. O uso dos recursos adequados pode representar a oportunidade para desenvolver a competência comunicativa, tanto do ponto de vista da investigação de

elementos, quanto da descrição dos elementos investigados. Assim, a prioridade dada para o estudo das estruturas declarativas pode estar deixando de lado aspectos importantes dos estudos linguísticos, uma vez que o conhecimento sobre o funcionamento das estruturas interrogativas é aspecto relevante para o uso pleno das potencialidades linguísticas.

Um aspecto que chama atenção nos estudos das orações interrogativas diretas na GT é a ausência de exemplos extraídos de textos literários de autores brasileiros, portugueses e africanos. Os poucos exemplos citados não mencionam explicitamente o autor, daí a expectativa de que tenham sido criados pelos autores da gramática, com o objetivo de corroborar suas afirmações. Normalmente utilizados como fonte de exemplos gramaticais tradicionais, teriam os autores literários recorrido pouco a estas estruturas em seus textos?

As amostras analisadas comprovam que a presença de estruturas interrogativas em textos literários não é rara, o que reforça a crítica feita por Perini à falta de um método adequado para a GT. Outro ponto relevante é revisar a centralidade do verbo nos estudos gramaticais tradicionais. Apesar da precisão na definição, isso não representa que tenha sido desconsiderado todo o conjunto de estruturas em que o verbo não aparece explicitamente. Tanto que a elipse é um ponto relevante para estudar estes casos à luz da própria GT.

Em contrapartida, é importante revisar a questão da entonação ascendente nas interrogativas diretas e descendentes nas indiretas, já que a gramática do PB também atribui à entonação a função de metamorfosear as estruturas declarativo-afirmativas em interrogativas. Para isso, talvez seja mais produtivo utilizar análises de conversações em que se pode conferir com mais precisão a entonação, do que exemplos escrito/transcritos em que elementos da fala são sistematicamente apagados.

No caso das estruturas interrogativas sem verbo explícito, é importante destacar a necessidade de contemplar o contexto para compreender alguns fenômenos gramaticais. E isso transcende os limites tradicionais da gramática, que exige uma visão mais textual e menos oracional para contemplar estes itens. Mas um estudo gramatical que tenha por objetivo contemplar as estruturas interrogativas como um todo não pode deixar de descrever estes casos e refletir com os interessados sobre a sua ocorrência tanto na fala quanto na escrita, ainda que para isso precise recorrer a abordagens semânticas e pragmáticas.

Por fim, defendemos que é preciso descrever as estruturas interrogativas independentemente das estruturas negativas, pois cada um dos grupos possui elementos gramaticais específicos. Neste sentido e pela complexidade de cada um dos temas, em um livro ou manual didático entendemos que é mais coerente manter os assuntos em capítulos separados, reservando um espaço adequado para o estudo das estruturas interrogativas,

descrevendo de forma mais aprofundada o seu funcionamento. E outro capítulo sobre as estruturas negativas, cujas especificidades devem ser pesquisadas.

Referências:

ASSIS, M. **Contos definitivos / Machado de Assis**. Porto Alegre, RS, Brasil : Ed. Novo Século, 1998.

FONSECA, R. **O Cobrador / Rubem Fonseca**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil : Nova Fronteira, 1979.

CUNHA, C., & CINTRA, L. (2013). **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Lexikon.

HOUAISS, A. (27 de 11 de 2014). **Grande dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (Beta)**. Acesso em 27 de 11 de 2014, disponível em Uol: <http://houaiss.uol.com.br/>

MUSSALIM, F., & BENTES, A. C. (2012). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** (8 ed., Vol. 2). São Paulo, SP, Brasil: Cortez.

PERINI, M. A. (2010). **Gramática do Português Brasileiro**. (M. Marcionilo, Ed.) São Paulo, RS, Brasil: Parábola Editorial.